



MUSEU UNIVERSITÁRIO DE
ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

UFRGS
ERGANÉ

Arqueologia Digital e História Indígena no RS

o povoamento inicial através de artefatos



Autoria:

André Marchi Becker
Caroline N. da Silveira
Giulia de Quadros Oliveira
Heriques S. dos Santos
João Vinícius C. Back
Lua-Raíza F. Mouzer
Vander G. Camargo


UFRGS

Arqueologia Digital e História Indígena no RS

o povoamento inicial através de artefatos

Autoras e Autores

André Marchi Becker
Caroline Nogueira da Silveira
Giulia de Quadros Cavalli Oliveira
Heriques Silva dos Santos
João Vinícius Chiesa Back
Lua-Raíza Feltes Mouzer
Vander Gabriel Camargo

Modelagem 3D

João Vinícius Chiesa Back
Vander Gabriel Camargo

Diagramação

Vander Gabriel Camargo

Capa

João Vinícius Chiesa Back

Revisão

Caroline Nogueira da Silveira
Giulia de Quadros Cavalli Oliveira

Realização

Museu Universitário de Arqueologia e Etnologia (UFRGS)
Ergane: Arqueologia Digital na Educação (LHISTE-UFRGS)

Supervisão

Prof^a. Carmem Zeli de Vargas Gil
Prof^a. Caroline Pacievich
Prof^a. Silvia Moehlecke Copé



Porto Alegre

UFRGS

2021



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

A772

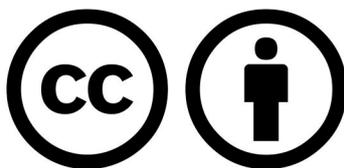
Arqueologia digital e história indígena no RS: o povoamento inicial através de artefatos / André Marchi V. Silveira Becker... [et al.]; Carmem Zeli de Vargas Gil, Caroline Pacievich, Silvia Moehlecke Copé (supervisoras) - 1.ed. - Porto Alegre: UFRGS, 2021.
43 p.

ISBN 978-65-5973-047-6

1. Arqueologia 2. Povos indígenas 3. História I. Becker, André Marchi II. Silveira, Caroline Nogueira da III. Oliveira, Giulia de Quadros Cavalli IV. Santos, Heriques Silva dos V. Back, João Vinícius Chiesa VI. Mouzer, Lua-Raíza Feltes VII. Camargo, Vander Gabriel VII. Gil, Carmem Zeli de Vargas IX. Pacievich, Caroline X. Copé Silvia Moehlecke XI. Título

CDU: 376.742

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808



Esta obra está sob a licença **Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY)**.
Você pode copiar, distribuir, transmitir e remixar **desde que cite a fonte**.

Link para a licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>



BY



Museu Universitário de Arqueologia e Etnologia da UFRGS

O MUAE foi a instituição em que os discentes André Becker, Caroline N. da Silveira, Giulia Oliveira, João V. Back e Vander G. Camargo, do curso de Licenciatura em História da UFRGS, realizaram o estágio obrigatório da disciplina "Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial", ministrada pelas professoras Carmem Gil e Caroline Pacievich, com a supervisão de Silvia Moehlecke Copé, diretora do museu. A ação educacional elaborada pelos discentes utilizou modelagens 3D de artefatos do acervo do museu, sendo posteriormente adaptada e transformada no presente livro paradidático.



Ergane: Arqueologia Digital na Educação

É um projeto de extensão da UFRGS, coordenado pela professora Carmem Gil, e atua na produção de materiais didáticos para o ensino de História tendo como paradigma a democratização e a acessibilidade do patrimônio arqueológico. São do projeto os estudantes Heriques Silva, João V. Back, Lua-Raíza Mouzer e Vander G. Camargo, que contribuíram na construção deste livro paradidático a partir da modelagem tridimensional digital dos artefatos trabalhados no material e das descrições das imagens.

SUMÁRIO

1 - Introdução	1
2 - Povoamento Inicial do RS	5
2.1 - Parte I - Jogo de Adivinhação	5
2.2 - Parte II - Revelação e análises	8
2.2.1 - Artefato 1	9
2.2.2 - Artefato 2	10
2.2.3 - Artefato 3	11
2.2.4 - Artefato 4	12
2.2.5 - Artefato 5	13
2.3 - Parte III - Informações sobre os objetos	14
2.3.1 - Urna Funerária Tupiguarani	14
2.3.2 - Machado Semilunar Jê	17
2.3.3 - Ponta de Flecha	19
2.3.4 - Bola de Boleadeira	21
2.3.5 - Moedor com Mão de Pilão	24
3 - Dinâmica com Modelos de Papel	27
4 - Referências	39



Introdução

Arqueologia na sala de aula: por quê, como e para quem

Professor(a), quando começou a história no Brasil? Foi em 1500? E no Rio Grande do Sul? Foi com o Tratado de Badajoz?

Em parte devido a um ensino de história orientado à memorização de datas e de grandes acontecimentos, estamos acostumados a ouvir cotidianamente esse tipo de questão. As respostas variam de acordo com a perspectiva adotada: se considerarmos como parte da história apenas os períodos em que o registro escrito foi usado, nos deparamos com a imposição de um marco colonial para o início da história de nossos territórios; se considerarmos que todos os grupos humanos que agiram sobre a natureza para garantir sua sobrevivência são sujeitos de sua própria história, podemos ampliar nosso horizonte. Se a primeira dessas perspectivas costuma nos levar a um período de pouco mais de cinco séculos atrás, com a chegada dos europeus em nosso território, a segunda perspectiva nos faz mergulhar num período de longa duração, de mais de dez mil anos, com a chegada dos primeiros humanos a estas terras. Neste material, adotamos a segunda premissa e, como professores de história, aprendemos logo que alguns lugares-comuns são bastante questionáveis: sabemos, por exemplo, que uma afirmação como “Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil em 1500” carrega consigo séculos de violência, de apagamento de uma longa história.

Reconhecer a violência que subjaz afirmações como essa é um primeiro passo, mas acreditamos que podemos ir além. Pode-se dizer que Cabral não descobriu o Brasil, uma vez que essas terras já eram ocupadas há milênios por diferentes povos com história, mas o que sabemos sobre eles? O que conhecemos sobre suas vidas, suas culturas e suas histórias? Quem eram, como viviam, como e quando chegaram até aqui? Conscientes de que esse conjunto de conhecimentos costuma ser ainda pouco abordado na formação docente e discente no país, planejamos o presente material com o objetivo de auxiliar professores e professoras de história interessados em trabalhar com seus e suas estudantes a história indígena no Rio Grande do Sul, indo ao encontro da Lei 11.465/08, que inclui no currículo a obrigatoriedade do ensi-

no da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena” na educação básica.

Apesar de definida por lei, a inclusão desses temas na sala de aula muitas vezes é dificultada por vários motivos, sendo um deles a falta de materiais que abordem as várias questões contidas nessa temática. Nós, autores e autoras, falamos a partir de nossa experiência como alunos(as) e professores(as), mas convidamos também você, leitor(a), a refletir: qual foi sua experiência escolar com história pré-colonial, com a história de longa duração dos territórios que habitamos?

Nosso material se propõe a ser um auxílio para abordar uma dessas questões, o passado pré-colonial do Rio Grande do Sul, o que envolve falar de uma história de longa duração. Adotamos a perspectiva que considera que a história do território hoje conhecido como Rio Grande do Sul inicia com a chegada dos primeiros habitantes humanos a estas partes, por volta de 12000 anos atrás. Assim, a arqueologia assume uma posição central na prática pedagógica que aqui propomos, pois é apenas a partir dela e da cultura material que se torna possível conhecer e explorar as realidades das populações nativas que compõem essa história.

Com o material, a turma terá a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o povoamento do nosso estado, através de atividades centradas em objetos da cultura material produzida nesses cerca de 12 mil anos de história. São artefatos do rico acervo do Museu Universitário de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (MUAE/UFRGS), testemunhos do passado profundo do nosso território. Ao todo, são cinco objetos que foram escolhidos de forma a englobar as mais representativas culturas e ondas de povoamento territorial da região: uma urna funerária Tupiguarani, um machado semilunar Jê, uma ponta de flecha, uma bola de boleadeira e um moedor com mão de pilão, representantes das duas principais ondas de povoamento antigo de nosso estado - aquela dos grupos caçadores e coletores (~12000 AP) e a dos grupos de falantes de línguas dos troncos linguísticos Macro-Jê e Tupi (~2000 AP). Os artefatos, vale ressaltar, estão inseridos no livro não como meros símbolos de culturas distantes, mas como mediadores do diálogo que se propõe: é através deles que se torna possível a construção de conhecimento arqueológico, portanto os atos de relacionar, observar e questionar o objeto são centrais para a formulação de um pensar histórico. Dessa forma, além das dinâmicas e exposições propostas sobre cada objeto, o livro contém também discussões conceituais sobre arqueologia e cultura material, o que se faz relevante para a construção de um saber histórico-crítico.

Por fim, tendo em vista que o período abordado neste material engloba significativas transformações ambientais — causadas ou não pela presença do ser humano —, o livro pode ser utilizado, também, de maneira interdisciplinar. Assim, é possível estudar as transformações ocorridas tanto do ponto de vista social quanto ambiental, bem como em suas inter-relações, conjuntamente, por exemplo, com professores de geografia, sociologia e biologia.

Atividades e objetivos

Este material traz duas seções: a Seção 2 traz a dinâmica com os artefatos baseada em imagens e modelagens 3D; a Seção 3 traz modelagens de papel dos objetos, como alternativa de material de apoio. A Seção 2, por sua vez, está dividida em três partes principais: as duas primeiras dedicadas à exposição da dinâmica didática que propomos, baseada nos artefatos selecionados para promover uma aproximação com o fazer arqueológico e com a história de longa duração de nosso estado. A terceira dedicada a oferecer uma compilação de textos informativos, referências e recursos visuais acerca desses objetos, de forma que o(a) professor(a) possa contar com esse apoio para colocar a dinâmica proposta em prática, baseando-se em referências atualizadas sobre os temas abordados.

Dessa forma, sob a seção intitulada “Povoamento inicial do Rio Grande do Sul”, apresentamos as 3 partes da dinâmica proposta com os artefatos: a Parte I, chamada “Jogo de adivinhação”, traz o passo a passo, bem como as ferramentas sugeridas, para introduzir a turma aos objetos. Essa parte foi pensada como forma de instigar a curiosidade dos(as) estudantes, apresentando não meras imagens de artefatos arqueológicos, mas suas sombras e contornos. A ideia é que os(as) alunos(as) experienciem o próprio fazer do arqueólogo - que, frente a um objeto desconhecido, observem a forma, as dicas fornecidas pelo(a) professor(a) e lancem hipóteses acerca do que os encara. Já a Parte II, chamada “Revelação e análises”, traz as instruções para o próximo passo dessa jornada como arqueólogos(as) amadores(as): a partir da revelação dos artefatos através de fotografias e simulações em 3D, propomos a utilização de uma pedagogia da pergunta para abordá-los e construir conhecimento sobre eles. Essa parte traz, assim, além das imagens, uma lista de perguntas que desafiam os(as) alunos(as) a, a partir de mais informações

visuais de cada objeto, refletir sobre outros aspectos que o compõem enquanto registro do passado, questões sobre quem o produziu, sobre o ambiente em que foi usado, suas funções e seus significados.

Em seguida, a Parte III, chamada “Informações sobre os objetos”, busca fornecer textos informativos ao(à) professor(a) acerca dos artefatos. Essa parte é dividida em 2 subseções: “Matéria-prima, produção e local de achado”, que traz informações de caráter mais técnico e objetivo sobre esses aspectos, e “Aspectos culturais do artefato e de seus produtores”, com informações sobre as sociedades dos produtores e usuários de cada objeto, sobre suas dimensões rituais, culturais, sociais.

Por fim, a parte final do livro, Seção 3, intitulada "Dinâmica com Modelos de Papel", traz uma alternativa para o uso dos materiais apresentados no livro em contextos escolares cujo o acesso à internet seja difícil. Propõe-se a impressão de moldes de papel para serem recortados pelos(as) alunos(as) e/ou professores(as) que podem usá-los em sala de aula de maneira similar às imagens e simulações 3D digitais presentes no livro, realizando indagações para estudar o passado através dos objetos.

São, portanto, 5 artefatos que, esperamos, atuarão como mediadores no ensino de história, na reflexão sobre a profunda história indígena de nosso território e na construção coletiva de conhecimento sobre quem somos e de onde viemos. A arqueologia, que nos permite abrir uma janela ao passado, é aqui também encarada como ciência do presente, que busca traçar relações narrativas entre o ontem e o hoje, incentivando discussões sobre importantes questões do mundo em que vivemos, no qual a marca da colonização ainda age violentamente sobre o direito à história dos povos indígenas e nativos de nosso país e estado. Assim, esperamos que os materiais e propostas aqui apresentados incentivem e ajudem professores(as) a trazer essa parte essencial de nossa história para a sala de aula, com o apoio da arqueologia e da cultura material.

Imagem: Modelos de Papel montados.



Povoamento Inicial do RS

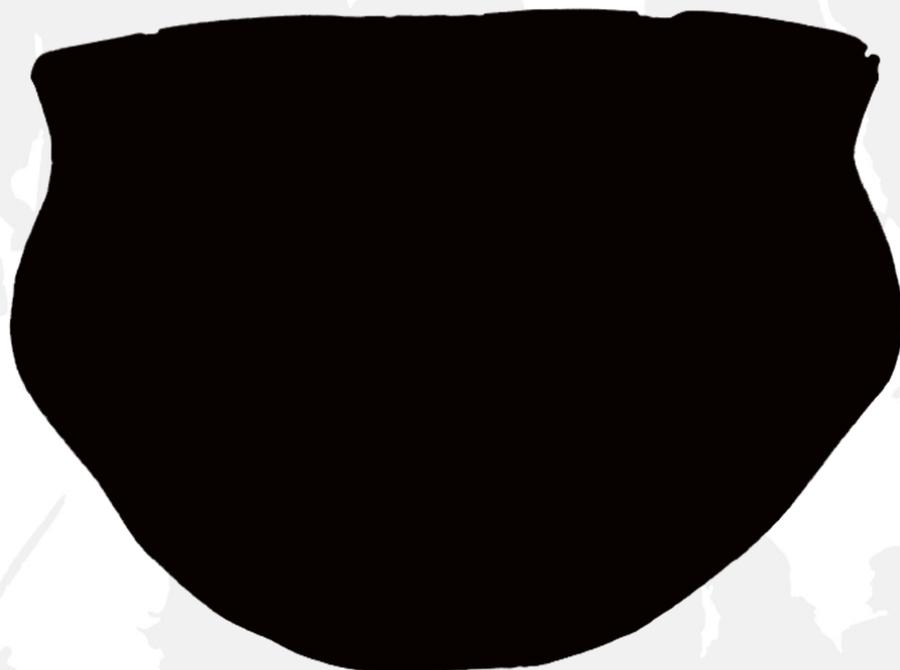
Parte I: Jogo de Adivinhação

Passo a passo:

Professor(a), esta primeira atividade foi pensada para promover uma introdução dos(as) estudantes à cultura material e ao próprio trabalho do arqueólogo, incentivando sua curiosidade e a participação na dinâmica. Comece apresentando as imagens com a sombra dos artefatos aos(às) alunos(as), propondo que adivinhem o objeto. Escreva as hipóteses dos(as) estudantes no quadro, fazendo uma nuvem de palavras (em aulas online, considere utilizar ferramentas gratuitas de nuvem de palavras para essa atividade). Assim, todos podem visualizar as respostas, o que incentivará a imaginação na formação de novas suposições. Sugestão: Guarde as respostas - mais tarde, elas podem servir para a reflexão sobre o formato dos artefatos e sua semelhança com objetos do cotidiano. Aqui, não existe apenas uma resposta correta, podemos descrever as coisas de diversas maneiras e mais tarde informações mais objetivas e técnicas sobre cada artefato poderão ser apresentadas.

Sugestão: [clique aqui](#) para obter as imagens das sombras dos artefatos e dos artefatos revelados em boa resolução e tamanho maior. Essas imagens são de uso aberto e podem ser projetadas ou mesmo impressas para uso em sala de aula.

Artefato 1



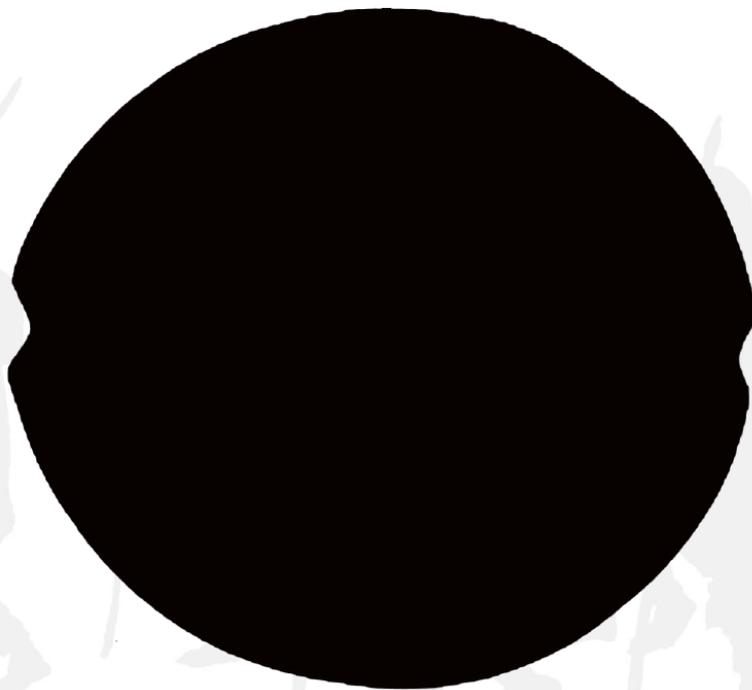
Artefato 2



Artefato 3



Artefato 4



Artefato 5



Parte II: revelação e análises

Passo a passo:

Agora, os artefatos são revelados aos(as) alunos(as), porém, poder visualizá-los não equivale a compreender completamente todas as dimensões que envolvem os objetos. Portanto, nesta etapa, sugere-se que o(a) professor(a) faça novas perguntas para os(as) estudantes sobre o objeto agora visível. As indagações podem ser de caráter mais objetivo, como: Quando você acha que ele foi feito? Onde? Por quem? Também podem ser de caráter subjetivo, por exemplo: O que chama mais sua atenção no objeto? O que você mais gostou? Já viu algo parecido no cotidiano?

O objetivo é colocar os(as) estudantes na posição de pesquisadores(as), arqueólogas, historiadoras que refletem sobre as características do objeto a sua frente e tentam imaginá-lo em meio ao universo da cultura que o teria produzido. Você pode escrever as hipóteses dos(as) alunos(as) no quadro ou em uma nova nuvem de palavras. Assim, todos podem visualizá-las, o que incentivará a imaginação na formação de novas hipóteses.



Sugestão: Use o QRCode para acessar a simulação digital em 3D de cada objeto - **através da leitura com a câmera do celular ou clicando no nome** - e ofereça que os alunos e alunas façam o mesmo com seus celulares. Isso permitirá que eles "manuseiem" os artefatos e vejam diversas perspectivas do seu documento de análise, dando uma experiência sensorial à atividade.



Artefato 1



Artefato 3



Artefato 5

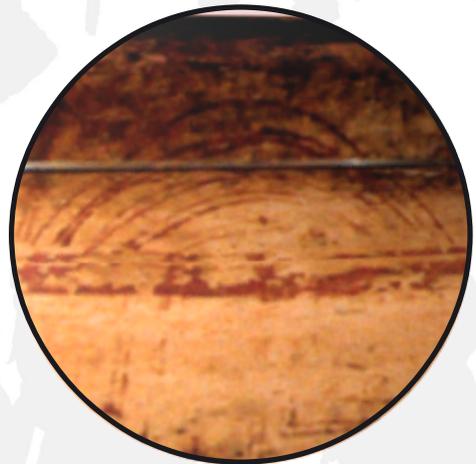


Artefato 2



Artefato 4

Artefato 1



Você reconhece esse objeto?

Já viu algo parecido? Onde?

Por quem e como foi feito?

Como você o utilizaria?

O que mais te chama atenção no artefato?



Artefato 1

Artefato 2



Acha que para seu uso no passado o objeto está "inteiro"?

Saberia dizer como foi feito? E para que foi usado?

Já viu algo parecido no seu cotidiano?

O que mais te chama atenção ?



Artefato 2

Artefato 3



Por que foi feito?

Para que era usado?

Você acha que está "inteiro"?

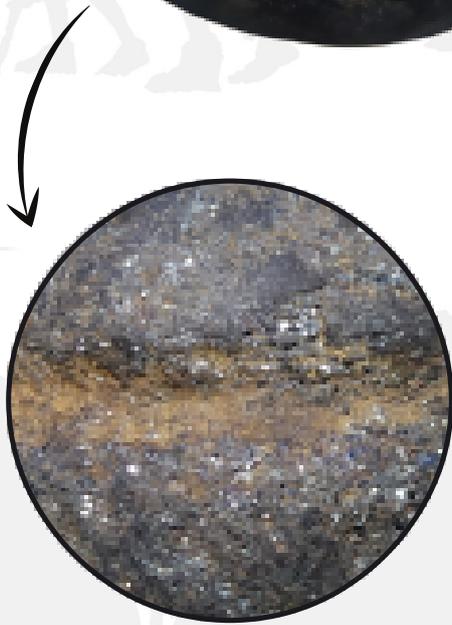
O que mais te chama atenção nele?

Já viu um objeto parecido no seu cotidiano?



Artefato 3

Artefato 4



Acha que para seu uso no passado o objeto está "inteiro"?

Saberia dizer como foi feito? E para que foi usado?

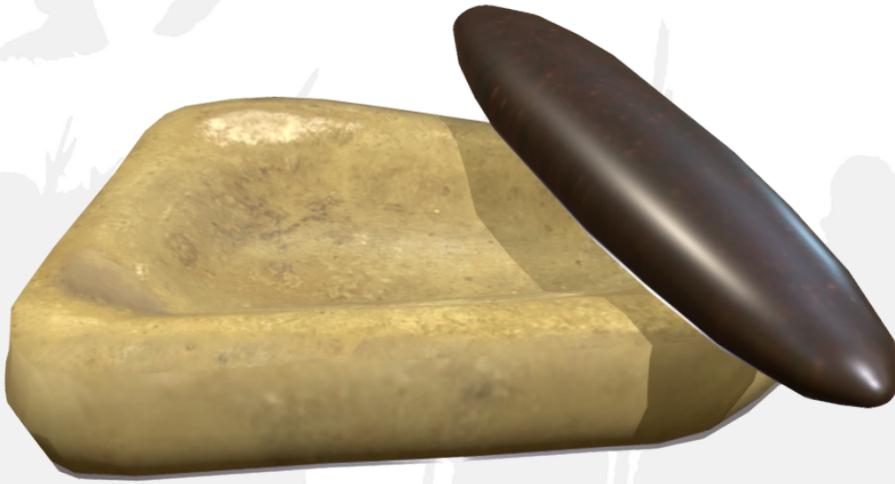
Já viu algo parecido no seu cotidiano?

O que mais te chama atenção ?



Artefato 4

Artefato 5



Por quem foi feito?

Para que era usado?

Você acha que está "inteiro"?

O que mais te chama atenção nele?

Já viu um objeto parecido no seu cotidiano?



Artefato 5

Parte III: informações sobre os objetos

Passo a passo:

Durante a dinâmica com os(as) alunos(as), considere as respostas trazidas por eles e elas como ponto de partida para percorrer os caminhos que os possam levar à construção de conhecimento sobre o artefato e à produção de significados e relações entre os(as) estudantes e seu cotidiano. Nesta etapa, são apresentadas informações técnicas sobre cada artefato, sua contextualização no tempo, no espaço e dentro da cultura que o produziu. Neste ponto, também sugere-se explorar possíveis abordagens para pensar as semelhanças e diferenças entre o artefato e objetos do presente. Pode-se refletir sobre a heterogeneidade das populações que habitaram o território do atual Rio Grande do Sul ao longo dos milênios, seus diferentes tipos de organização social e meios de se relacionar com o ambiente, informações que podemos acessar através da cultura material que nos legaram. Assim, esta parte conclui a atividade, deixando os caminhos abertos para o aprofundamento das discussões levantadas ao longo das dinâmicas com os(as) estudantes.

Artefato 1: Urna Funerária Tupiguarani

1. Matéria-prima, produção e local de achado

Esse vaso foi produzido a partir da **argila**. Essa matéria-prima foi o ponto de partida para um sofisticado trabalho de manufatura, em que realiza-se um processo de preparação da pasta, a constituição da forma, a queima e a pintura. Esse complexo procedimento nos sugere de qual população a pessoa que o produziu pode ter feito parte: alguma de **exímios ceramistas**. Para o caso do Rio Grande do Sul, podemos considerar duas possibilidades de grupos com produção de cerâmicas em **larga escala**, os falantes de





línguas do tronco linguístico **Tupi** e do tronco **Macro-Jê**.

Uma das pistas que pode nos ajudar a identificar com maior precisão é o local em que foi encontrado. Sabe-se que essa cerâmica foi coletada na **região do município de Entre-Ijuís**, no Noroeste do estado, território considerado como ponto de entrada dos Tupiguarani no Rio Grande do Sul, há mais ou menos 2000 anos atrás. Outro fator que

indica que o artefato é dessa cultura diz respeito à **decoração** de sua superfície, consistindo na inclusão de elaborados **motivos geométricos em tinta vermelha**, característicos desse grupo. Ao mesmo tempo, isso nos revela que provavelmente foi uma mulher que a fabricou, pois, via de regra, eram elas as artesãs.

2. Aspectos culturais do artefato e de seus produtores

Oriundos da Amazônia, os Tupiguarani que chegaram a partir das migrações seguiram os cursos fluviais e se estabeleceram próximos a eles, o que se relaciona com um dos aspectos que caracterizam sua organização social: a **agricultura**. Essas populações plantavam diversos tipos de plantas, como mandioca, milho, batata-doce, amendoim e abóboras, diferenciando-se do modo de vida dos grupos de caçadores e coletores que já ocupavam o território.

A forma de identificação arqueológica do local das habitações antigas dessa sociedade são as grandes manchas de terra preta, formadas pelo acúmulo de grande quantidade de cerâmicas. Essa quantia estava relacionada com seu caráter agricultor, já que entre as funcionalidades de suas cerâmicas estava o armazenamento de alimentos e líquidos. Outros usos podem ser comentados, como o preparo e a distribuição de bebidas fermentadas (cauim) de milho e mandioca, a utilização como panela para cozinhar ou como recipientes para coletar e servir água.

No caso da cerâmica em questão, sabe-se que entre suas **funções** estava servir como **urna funerária**, ou seja, recebeu em seu interior um indivíduo para ser enterrado. O uso da cerâmica para esse fim poderia ser feito por sepultamento primário, diretamente na urna, ou secundário, em que o indivíduo antes é sepultado na terra e depois seus ossos são realocados para dentro do recipiente. Esse modo de utilização da cerâmica provavelmente não foi o único, já que um mesmo vaso poderia realizar diferentes tarefas ao longo de sua vida, e seu formato - denominado **cambuchí guaçu** no guarani, ou “grande talha”,- **é produzido para a preparação do cauim** (ou melhor, dos cauins), tipo de bebida fermentada.

Muitos(as) estudantes podem sugerir se tratar de uma **cumbuca**, termo que hoje designa quase genericamente recipientes em formato de tigela. Isso estaria praticamente certo, apesar da cerâmica ser maior que uma cumbuca convencional, ou que um copo/instrumento para beber (outra possível suposição), já que, como vimos, sua função está sim relacionada às bebidas. Ainda sobre seu uso, podemos dizer que seria possível a relacionarmos com um **caldeirão**, por



Imagem: Representação de uma cumbuca/tigela.



Imagem: Representação de uma cuia com chimarrão.

exemplo, já que o seu interior recebia muitos litros da bebida fermentada. A relação com a **cuia** feita de cabaça ou porongo é também muito interessante, pois a tradição do **chimarrão** faz parte da cultura guarani desde antes mesmo da criação da identidade “gaúcha”, contribuindo para a formação da mesma!

Referências

ASSUNÇÃO, Alexandre V., ARNONIN, Rafael K. & JÚNIOR, Luiz A. P., Uma cultura mutante: o chimarrão e seus artefatos sob o viés do design vernacular e do imaginário, Pelotas: **Poliedro**, v.01, n.01, pp. 29 - 47, 2017.

BROCHADO, José Proenza. Alimentação na floresta tropical. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1977.
DIAS, Adriana et. al. O Discurso dos Fragmentos: Sócio-cosmologia e Alteridade na Cerâmica Guarani Pré-colonial. In: **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, jul./dez. 2008. p. 5-34.

LA SALVIA, Fernando & BROCHADO, José Proença. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura. 1989.

MUSEU DA UFRGS. **12000 Anos de História: Arqueologia e Pré-História do Rio Grande do Sul** (catálogo). 2013-2014.

Artefato 2: Machado Semilunar Jê



Artefato 2 com acabamento

1. Matéria-prima, produção e local de achado



Imagem: Simulação em 3D com reconstituição do acabamento. CC MUAE/ERGANE

Alguns estudantes podem ter sugerido o ferro como matéria-prima deste machado. No entanto, apesar de sua aparência reluzente e lisa, que lembra o metal, este objeto foi feito de **pedra**. Seu aspecto brilhante deriva, na verdade, da técnica sofisticada dos **grupos Jê** do Rio Grande do Sul para trabalhar com esse material: o **polimento**. Além disso, o seu formato também evidencia a destreza desses grupos para moldar esta matéria-prima. Vale destacar o bom estado de conservação em que este objeto foi encontrado. Os **líticos**, denominação para os artefatos feitos de pedra, são um tipo de resquício arqueológico achado com muita frequência, pois apresentam uma durabilidade muito grande. Isso o diferencia de objetos feitos a partir de matérias que se decompõem com o tempo, como, por exemplo, as dos acabamentos do machado, que seriam, provavelmente, **um cabo de madeira e a corda de fibras vegetais** para amarrá-lo à lâmina, que não se preservaram até os dias de hoje (visto que este machado tem datação entre **2000 e 400 anos**).

O seu formato **semilunar**, que pode se parecer com uma âncora (como alguns alunos podem ter sugerido), é característico dos machados da **cultura Jê**, que existem em tamanhos variados. O machadinho em questão é pequeno em comparação com outros já encontrados, tendo aproximadamente **10 cm de altura e comprimento**.



2. Aspectos culturais do artefato e de seus produtores

É possível notar algumas semelhanças entre este machado Jê e outros artefatos rituais, como o machado de Xangô ou com um Tumi, faca ritual que era utilizada por culturas peruanas durante o império Inca e mesmo antes disso. Resguardando as características e contextos próprios de cada um destes objetos e culturas, podemos perceber que além de associações feitas a partir de características visuais entre os objetos, outro aspecto em comum entre eles seria o seu **caráter sagrado**.

As pesquisas e estudos realizados apontam a **função ritual** para estes machados Jê, que podiam estar associados a **cantos, narrativas e mitos** específicos entoados durante cerimônias. É possível que fossem utilizados nas grandes estruturas arquitetônicas anelares construídas por esse grupo, os **danceiros**, locais onde eram performados os rituais.



Imagem: Kàjrê da etnia Kraho, da família Jê (MELO, 2010, p. 71).

Além disso, a posse do machado conferia certo prestígio social ao seu proprietário. Entre os **Krahô** (pertencentes à família Jê, mas situados no estado de Tocantins), por exemplo, estes machados, chamados de kàjrê, simbolizam status entre os bons cantadores, sendo um objeto que não seria enterrado como oferenda junto ao proprietário, mas que se tornava herança para outro que possuísse aquele status. Assim, o machado serve também como instrumento de união, já que faz parte de várias celebrações e estabelece uma conexão entre os pertencentes do grupo no presente e os seus antecessores.

Referências

MELO, Jorge H. Kràjê: a vida social de um machado Krahô. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, UFRN. RN, Natal: 2010;

MUSEU DA UFRGS. 12000 Anos de História: Arqueologia e Pré-História do Rio Grande do Sul (catálogo). Porto Alegre: UFRGS, 2013-2014;

DA SILVA, Sérgio Baptista. Etonoarqueologia dos grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, USP. São Paulo: 2011.

Artefato 3: Ponta de Flecha



Artefato 3 com acabamento

1. Matéria-prima, produção e local de achado

As primeiras populações indígenas que pisaram no que hoje é o território do Rio Grande do Sul chegaram através da **região noroeste do estado**, onde atualmente fica a fronteira com Argentina e Uruguai. Antes de mais nada, no entanto, é importante destacar que há **12000 anos** não só não existiam as fronteiras políticas atuais, como o próprio ambiente era radicalmente diferente. Esses povos encontraram um terreno com temperaturas anuais 5°C mais baixas, em um ambiente frio e com ventos gélidos que atravessavam paisagens com vegetação menos densa, o que começa a mudar por volta de **11000-8000 anos atrás**, com o fim do último período glacial.

É nesse espírito que vamos retomar, através de uma ponta de projétil, de modo mais específico, a história profunda de grupos indígenas que aqui viveram.

O artefato é uma **ponta de flecha**, mas se alguém respondeu **ponta de projétil** à questão "o que é isso?", também acertou. Ponta de flecha é um dos três principais estilos de pontas de projétil. Grosso modo, pontas de projétil podem ser pontas de flecha, pontas de lança e pontas utilizadas em dardos. É interessante notar que tais artefatos eram utilizados em atividades ligadas à própria **subsistência**, mas também em conflitos entre distintos grupos humanos.



Imagem: Simulação em 3D com reconstituição do acabamento.
CC MUAE/ERGANE

Ademais, o objeto é um dos muitos artefatos que chamamos de **líticos** – ou seja, produzidos tendo a **pedra** como matéria-prima, geralmente retirada de seixos de rio, blocos e afloramentos rochosos. Outros desses, por exemplo, eram facas, talhadores, bigornas multifuncionais, machados e raspadores (utilizados para separar a gordura do couro dos animais caçados). Cada um possui uma (ou mais) finalidade(s), e é para tal que suas formas, bem como seus processos de produção, são criados, desenvolvidos e aprimorados. O desenvolvimento de técnicas para atingir determinados objetivos é uma característica das sociedades humanas em qualquer tempo.

2. Aspectos culturais do artefato e de seus produtores

Caçadores e coletores; megafauna: o que significam esses termos? O primeiro diz respeito a um modo de vida onde os recursos de subsistência estão associados à caça e à pesca (aves, répteis, mamíferos, peixes) e à coleta de alimentos (tubérculos, raízes, mel, ovos, moluscos); o segundo termo, megafuna, diz respeito a uma denominação que damos a grandes animais que costumavam habitar o planeta Terra, como as preguiças gigantes — maiores que elefantes —, os tatus gigantes, mamutes e até os tigres-dente-de-sabre, muitos deles retratados no filme “A Era do Gelo”.



Imagem: Representação de uma pessoa utilizando arco e flecha. Ilustração por Ana Luiza Koehler.

Tais populações, por serem nômades (não se fixavam em apenas um lugar por um longo período, mas se deslocavam em busca de caça e recursos), tendiam a ter uma mobilidade muito maior do que aquelas que viriam a ser chamadas de agricultoras-horticultoras (como a sociedade em que vivemos). Assim, elas possuíam um padrão de vida com relativamente grande diversidade nutricional, menor probabilidade de propagação de parasitoses e doenças infecciosas — como vírus, bactérias e fungos — e, ainda, viviam em uma sociedade com pouca diferenciação social.

Esses povos habitaram o território de nosso estado por milênios, e nele produziram ativamente não apenas ricas culturas como o próprio ambiente que conhecemos. Ao

estudar arqueologia e história indígena, devemos sempre ter em mente que os povos em questão mantêm complexas relações com os animais, as plantas e o ambiente como um todo, sendo assim transformadores ativos do mundo e do espaço em seus mais diversos aspectos.

Referências

KREUTZ, Marcos Rogério. **O povoamento do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul**. 1. ed. Lajeado: Editora da Univates, 2017

PIVETTA, Marcos. **Pontas de um passado remoto**. Pesquisa Fapesp, edição 194, abr. 2012. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/pontas-de-um-passado-remoto/>. Acesso em: 21 nov. 2020.

SCHMITZ, Pedro Inácio. O mundo da caça, da pesca e da coleta. In: SCHMITZ, Pedro Ignácio (Ed.). **Pré-história do Rio Grande do Sul** - Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 05, 2.ed. São Leopoldo: IAP-UNISINOS, 2006.

BROCHADO, José Proenza. **Alimentação na floresta tropical**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1977.

MUSEU DA UFRGS. **12000 Anos de História: Arqueologia e Pré-História do Rio Grande do Sul** (catálogo). 2013-2014.

Artefato 4: Bola de Boleadeira

1. Matéria-prima, produção e local de achado



Artefato 4 com acabamento

O quarto artefato pode ser facilmente reconhecido por muitos. De fato, as bolas de boleadeira, que compõem as boleadeiras, têm um formato bem característico, e, especialmente no Sul do país, ainda podem ser encontradas com formas similares em fazendas ou CTGs, os centros de tradições gaúchas. A bola de boleadeira apresentada aqui, que faz parte do acervo do MUAE, foi encontrada na região da **Campanha no atual RS** e, apesar de não ser datada, está relacionada à região e ao contexto dos **caçadores e coletores construtores de cerritos** que habitaram os campos sulinos do território, os pampas, por volta de **3000 AP (anos antes do presente)**. Porém, é importante lembrar que as bolas de boleadeiras, ou artefatos de formato e uso similar, foram produzidas e utilizadas, também, por outras populações, em outros contextos.



No objeto, é possível ver uma risca mais profunda, chamada de sulco, ao redor da bola, onde era **amarrado o laço**, o que demonstra a habilidade do produtor, que moldava a pedra com grande precisão. Assim, podemos concluir que o objeto está incompleto para seu uso, já que apenas a bola de pedra resistiu à passagem do tempo, enquanto o laço, feito a partir de materiais orgânicos, não se preservou da mesma forma. Neste caso, por ser um artefato ainda

utilizado e que pode ser reconhecido de antemão, pode-se perceber que deveria haver algo a mais — no caso, uma **corda** — para sua utilização. Muitas vezes, no entanto, a deterioração dos materiais orgânicos (como tendões de animais ou cipós) que compunham um objeto exige que o/a arqueólogo/a o observe sob múltiplas perspectivas — espaço em que foi encontrado; período de uso; cultura de seus produtores; microvestígios — para que chegue à resposta para a pergunta "o que é este objeto?".

2. Aspectos culturais do artefato e de seus produtores

Os grupos de caçadores e coletores usaram as boleadeiras tanto para a caça quanto para a batalha, como arma de defesa ou ataque, e não apenas as utilizavam em diferentes situações, como também de diferentes formas. Como exemplo, pode-se mencionar a nhanduzeira, um tipo de bola que era bastante usada para caça de ema ou nhandu, sendo também chamada de avestruzeira. Para esse fim, eram utilizadas duas bolas, ao invés de uma, presas por um laço que, ao ser lançado, enroscava-se nos pés do animal, que caía e podia ser morto e servir de alimento. Existia também a boleadeira chamada “bola perdida”, composta de uma única bola, normalmente um pouco maior, presa



Imagem: Simulação em 3D com reconstituição do acabamento. CC MUAE/ERGANE

em um laço e usada em conflitos para acertar a cabeça do inimigo. Outro tipo de bola de boleadeira utilizada, geralmente para a guerra, era a bola conhecida como “rompe-cabeças”, ou “bola mamilar”, a qual possuía várias pontas em sua superfície, criadas com o intuito de ferir gravemente os inimigos.

Embora fossem utilizadas majoritariamente para a **caça e para a guerra**, podemos encontrar boleadeiras que exerceram outras finalidades.

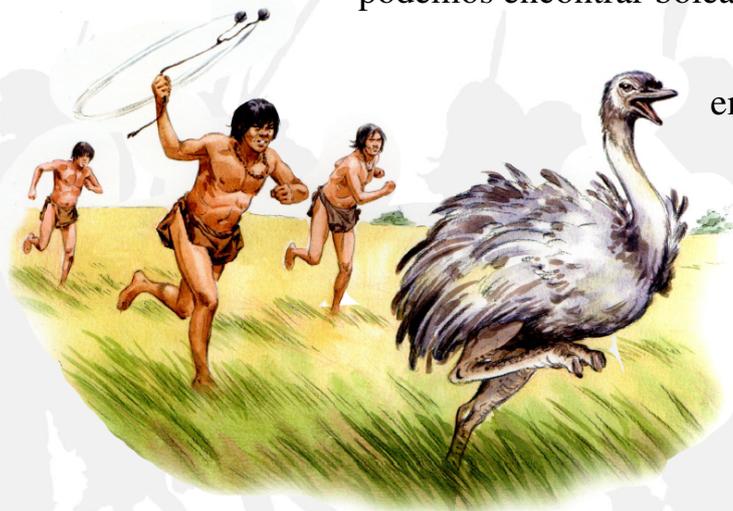


Imagem: Representação de uma caçada com boleadeira. Ilustração por Ana Luiza Koehler.

São também encontradas, por exemplo, em contextos funerários, como **oferendas** ou honrarias, ao lado de indivíduos.

O que nos leva a outra reflexão: nem sempre os produtos da ação humana se resumem às suas finalidades práticas e imediatas. Para além da dimensão material, há uma dimensão simbólica que compreende linguagem, sentimentos e complexas cosmologias.

Não é por acaso que a boleadeira pode ser encontrada como elemento ritual funerário: ela faz parte de uma relação cultural e afetiva que envolve os objetos e seus produtores.

Referências

GONZÁLEZ, Alberto Rex. La boleadora. Sus áreas de dispersión y tipos. Nueva Serie, La Plata: Museo de la Universidad Eva Perón (La Plata), Tomo IV, sección Antropología. p.133-292. 1953.

MILHEIRA, Rafael; PEÇANHA, Mateus; MÜHLEN, Cristiano Von. Mapeamento arqueológico dos Cerritos da Lagoa do Fragata, Capão Leão-RS. In: CAMPOS, Juliano Bitencourt; ZOCHE, Jairo José; CERZER, Jedson Francisco; OOSTERBEEK, Luiz Miguel (orgs.). **Arqueologia Ibero-Americana e Transatlântica: arqueologia, sociedade e território**. Erechim: Habilis, 2014, p. 51-70; MUSEU DA

MUSEU DA UFRGS. **12000 Anos de História: arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul** (catálogo). Porto Alegre: UFRGS, 2013-2014;

SCHMITZ, Pedro Ignácio; NAUE, Guilherme; BECKER, Ítala Irene Basile. Os aterros dos campos do Sul: a tradição Vieira. In: SCHMITZ, Pedro Ignácio (ed.). **Arqueologia do Rio Grande do Sul**, Brasil. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas - UNISINOS, 2006, p. 101-124

Artefato 5: Moedor com mão de pilão

1. Matéria-prima, produção e local de achado

Assim como o artefato anterior, o seguinte também pode ser reconhecido pelos(as) alunos(as), sobretudo por sua função. Talvez haja certa dificuldade para o reconhecimento através da simples observação das imagens, mas algumas questões possivelmente os levarão a associar o objeto com um item tradicional para as famílias brasileiras: **o pilão**, utilizado para macerar alimentos.

Embora se trate de um artefato bastante comum, utilizado por culturas com as mais variadas origens e construído a partir de diferentes técnicas, o pilão em questão é uma ferramenta de **pedra polida** que foi encontrada no **litoral norte do Rio Grande do Sul** e pertenceu a uma cultura específica, cuja ocupação do território mais antiga é de mais ou menos **3 mil anos atrás**. Como o objeto foi descoberto em um sítio de **sambaqui**, e devemos sempre ter em vista o “princípio de que o espaço é um aspecto estruturador da vida em sociedade, de que existe uma estreita relação entre o que uma coisa é e o lugar no qual está situada (GASPAR, p. 35)”, cabe continuar com algumas palavras sobre esses importantes sítios arqueológicos, para assim compreender um pouco mais sobre a sociedade e o mundo dos povos construtores de sambaquis e, conseqüentemente, os significados do objeto.



Os sambaquis são muito conhecidos nas regiões litorâneas do país, principalmente por suas dimensões monumentais. Tratam-se de imensos montes de concha, construídos por ação humana, que, às vezes, chegam a dezenas de metros de altura. Por se encontrarem no litoral, os povos construtores de sambaqui possuíam hábitos bem diferentes dos povos habitantes do interior do estado.

2. Aspectos culturais do artefato e de seus produtores

Ao invés da caça e da coleta, sua principal atividade de subsistência era a **pesca**, fundamental para a vida dos sambaquieiros, o que é atestado pela própria constituição dos sambaquis. A partir de diversos indícios, supõe-se que possuíam tecnologias particularmente complexas para essa atividade. Frequentemente são encontrados nesses sítios vestígios de um verdadeiro arsenal para a captura do pescado, como pontas ósseas — que eram presas a hastes de madeira — e pesos de rede feitos em pedra polida para redes de pesca. Além disso, a existência de restos alimentares de certos peixes, até mesmo de tubarões, e a ocupação de ilhas são fatores que indicam a existência de desenvolvidas técnicas de navegação, inclusive para pesca em águas profundas. Com base nessas informações, podemos concluir que esses povos possuíam grande **familiaridade com as águas** e viviam em íntima relação com o espaço habitado.

Podemos perceber um pouco dessa relação de sua cultura com o ambiente na produção do nosso objeto. Trata-se, como podemos perceber pelas imagens, de uma ferramenta de **pedra polida**, resultado de uma arte na qual **os sambaquieiros eram exímios**. A arqueóloga Madu Gaspar faz uma interessante observação sobre essa técnica ao supor que “a superfície homogênea e alisada pela ação da água e da areia pode ter sido fonte de inspiração para o desenvolvimento da técnica do polimento.” (GASPAR, p. 51).

No cotidiano presente, outras versões do mesmo objeto convivem entre nossas cozinhas. A **função** do artefato é a de **triturar alimentos**, o que é realizada pela ação de amassar as substâncias, colocadas na base do objeto, com o pilão propriamente dito (a parte alongada), que acaba resultando em espécies de farinha ou pastas. Para o contexto dessa cultura, é possível pensar que era usado com os alimentos de sua dieta de frutos do mar.



Imagem: Representação de um pilão contemporâneo.

Assim como a mão de pilão chama atenção por sua sofisticação técnica, o próprio sambaqui se destaca, tanto para a arqueologia quanto para a paisagem. Sua existência foi e continua sendo uma das grandes questões para a pesquisa

arqueológica brasileira. Como esses imensos montes foram construídos? Por quê? O que eles são e para que serviam? Muitas e contraditórias teorias foram elaboradas para explicá-los, afinal, sua própria constituição levanta uma série de questões. Os sambaquis são construídos a partir de restos faunísticos, portanto aparentemente poderiam ser apenas depósitos alimentares. Frequentemente, porém, são encontrados sepultamentos de diferentes períodos de tempo em suas estruturas, sugerindo que poderiam se tratar de monumentos funerários. Especula-se, inclusive, se eram ou não local de moradia.



Imagem: Sambaqui Figueirinha I, em Jaguaruna/SC. Wikimedia Commons, Joannis77.

Uma característica, no entanto, é incontornável: sua construção foi um processo sistemático e comunitário empreendido ao longo de diferentes gerações. Portanto, estudar os povos sambaquieiros é estudar sociedades particularmente complexas, que passaram por um processo de sedentarização bastante singular e construíram, em suas vidas, uma riquíssima cultura material, adaptada a seu meio e atuante no mesmo.

Referências

GASPAR, Madu. Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MUSEU DA UFRGS. **12000 Anos de História:** arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul (catálogo). Porto Alegre: UFRGS, 2013-2014;

Dinâmica com Modelos de Papel

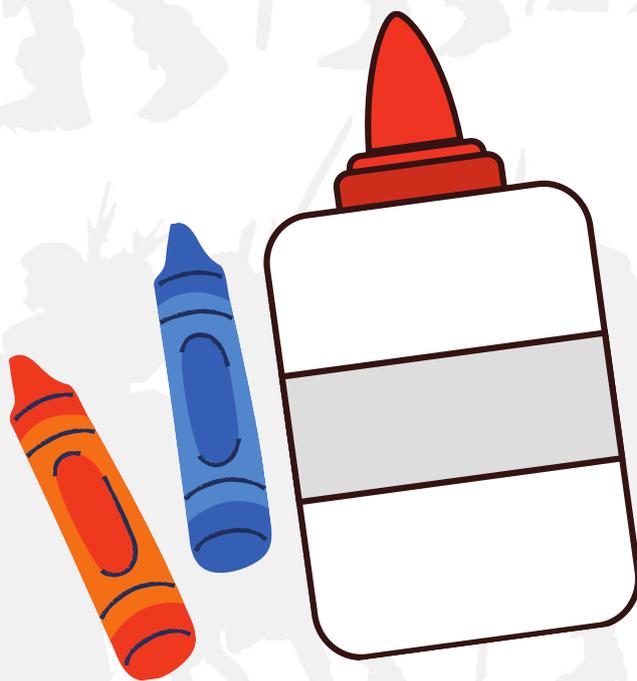
Passo a passo:

Professor(a), caso no seu contexto escolar seja difícil o acesso à internet em sala de aula, elaboramos o seguinte material como uma alternativa para levar a cultura material em 3D para dentro da escola sem precisar estar conectado na rede.



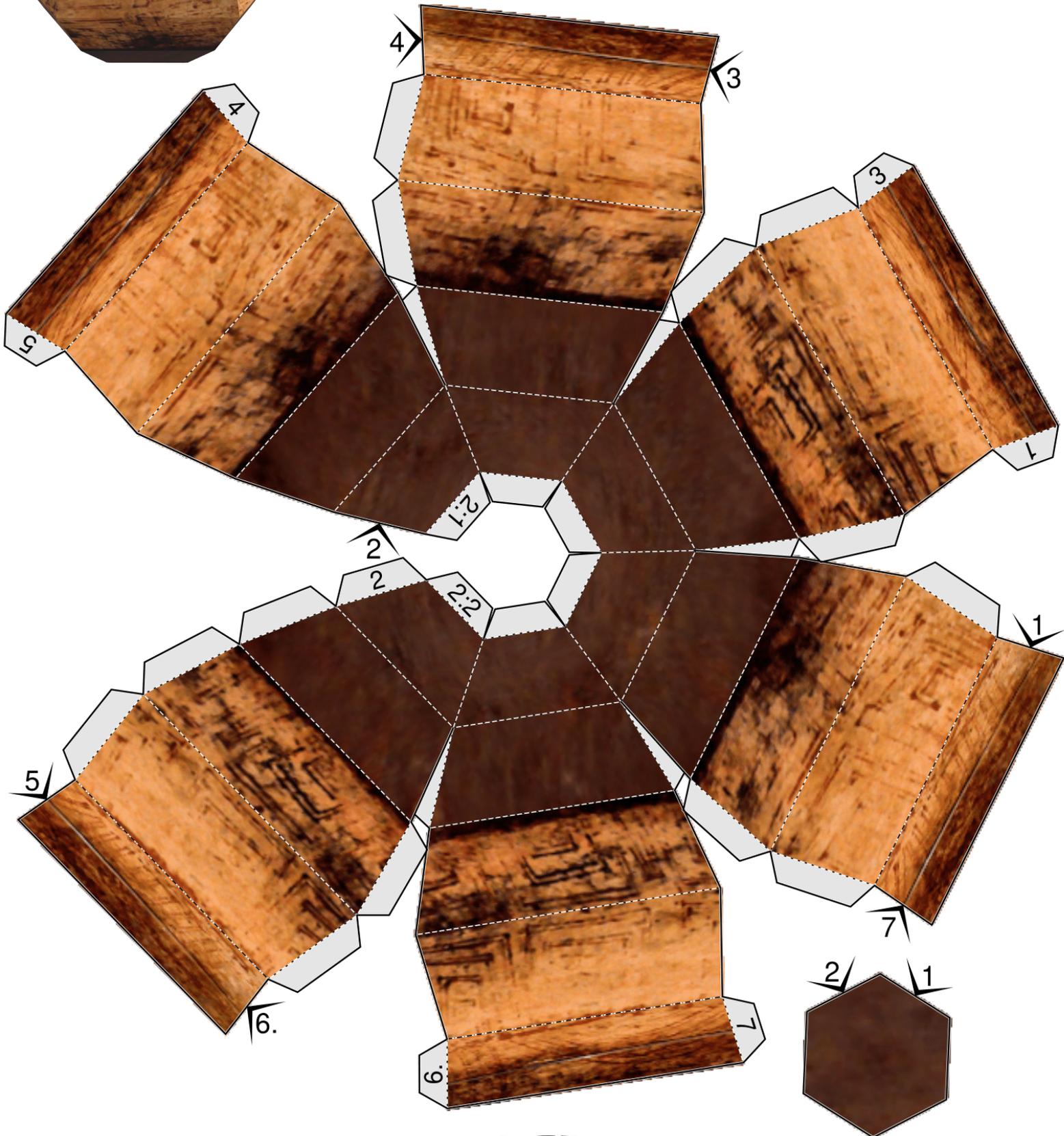
Trata-se de um conjunto de modelos tridimensionais dos artefatos que estudamos durante o livro, mas que podem ser recortados e montados! Propõe-se que eles sejam impressos e levados para dentro de sala de aula para os alunos e alunas montarem, ou então que o(a) educador(a) os leve já montados para serem estudados e interrogados.

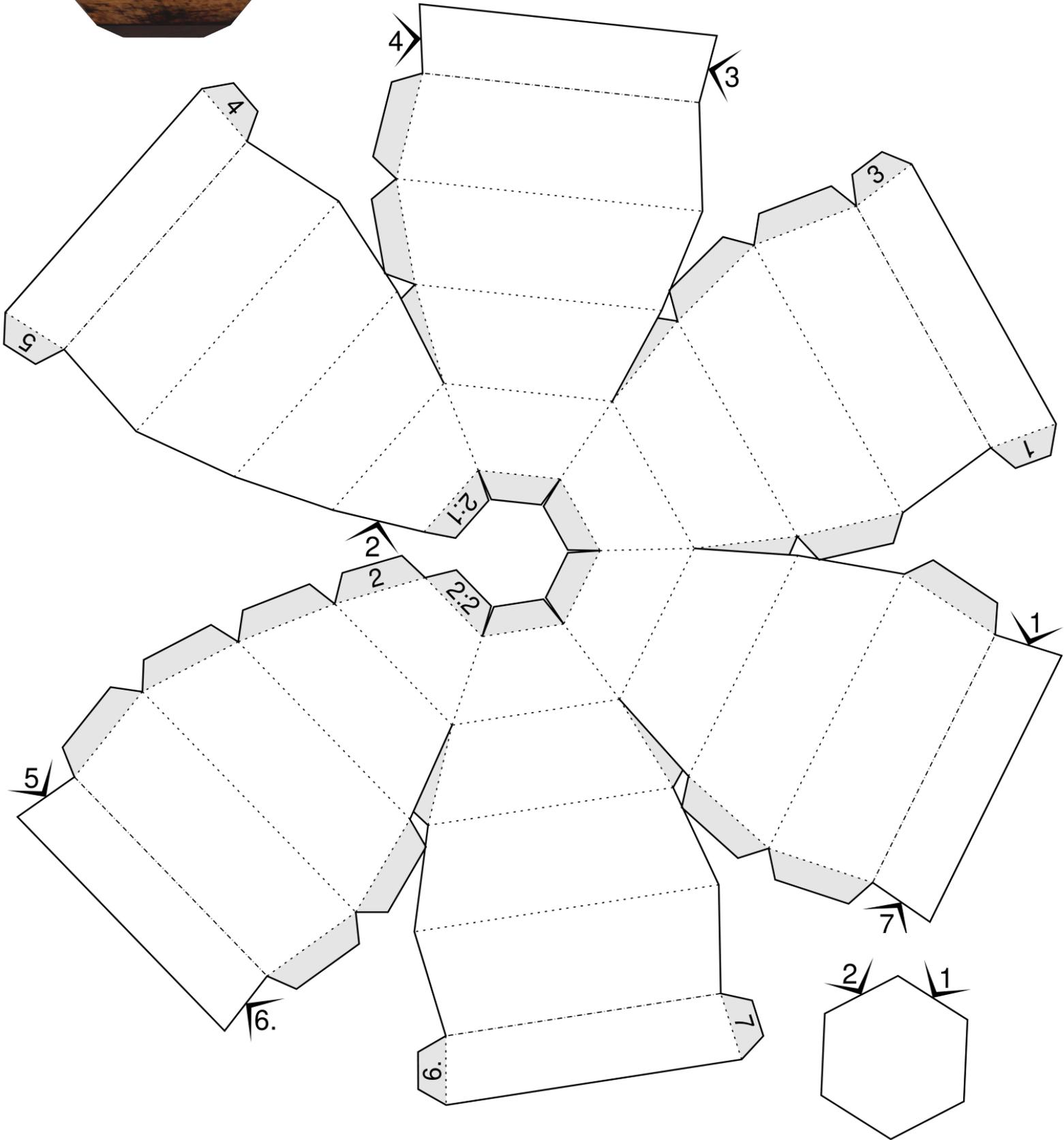
Sugestão: Orienta-se a utilização das mesmas perguntas já apresentadas nos capítulos anteriores para trabalhar com os artefatos de papel. Também é possível levantar outras questões, como: qual a diferença da matéria-prima dessa **reprodução** e do **original**? Qual seria encontrada com mais facilidade no registro arqueológico? E os seus tamanhos, são compatíveis uns com os outros?



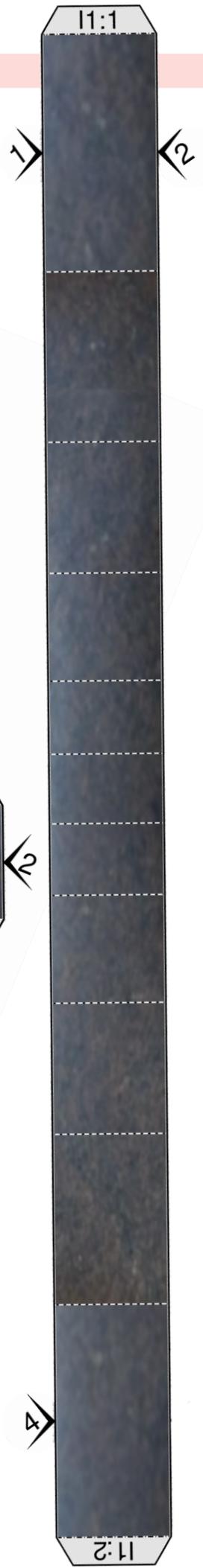
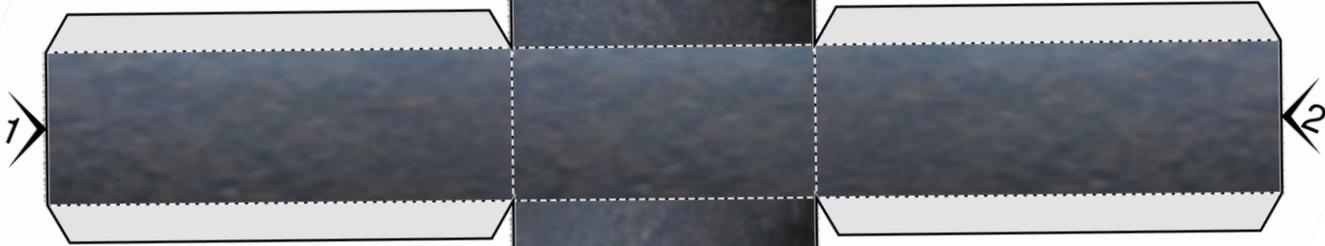
Existem duas opções para serem impressas, o modelo com textura (com a cor do objeto original) ou em preto e branco, que pode ser pintado em sala de aula, conforme a dinâmica escolhida pelo(a) mediador(a) da atividade e as possibilidades materiais da escola.

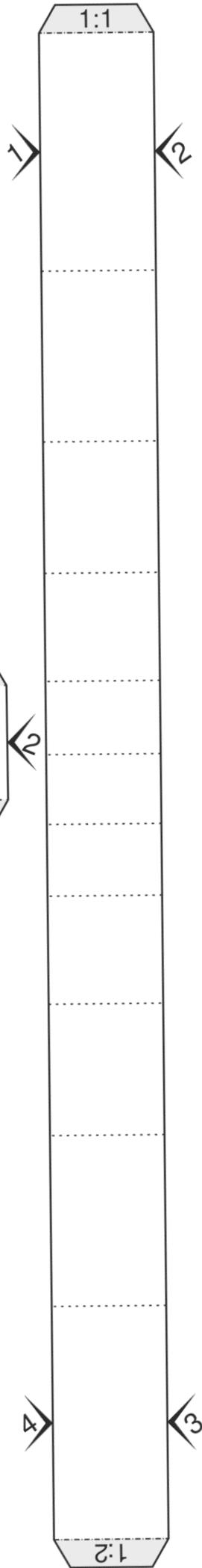
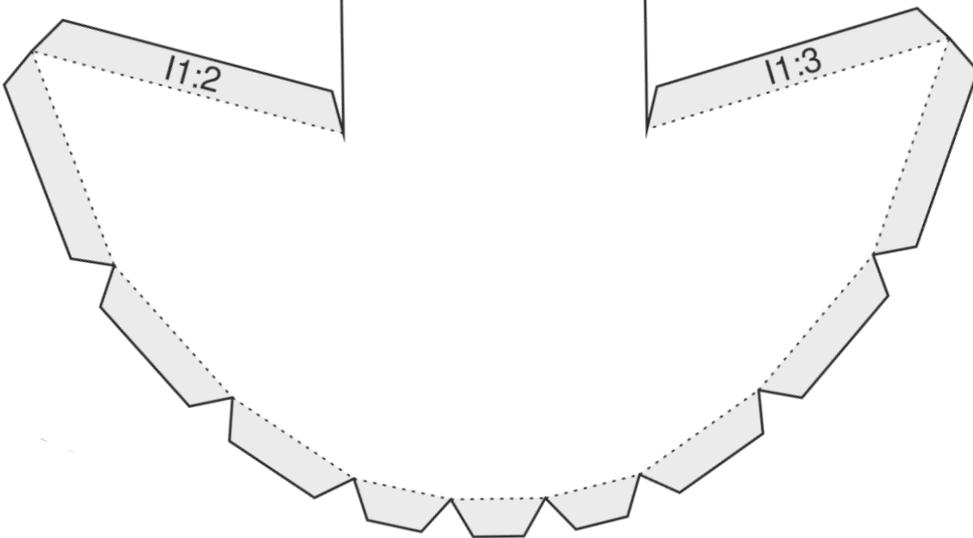
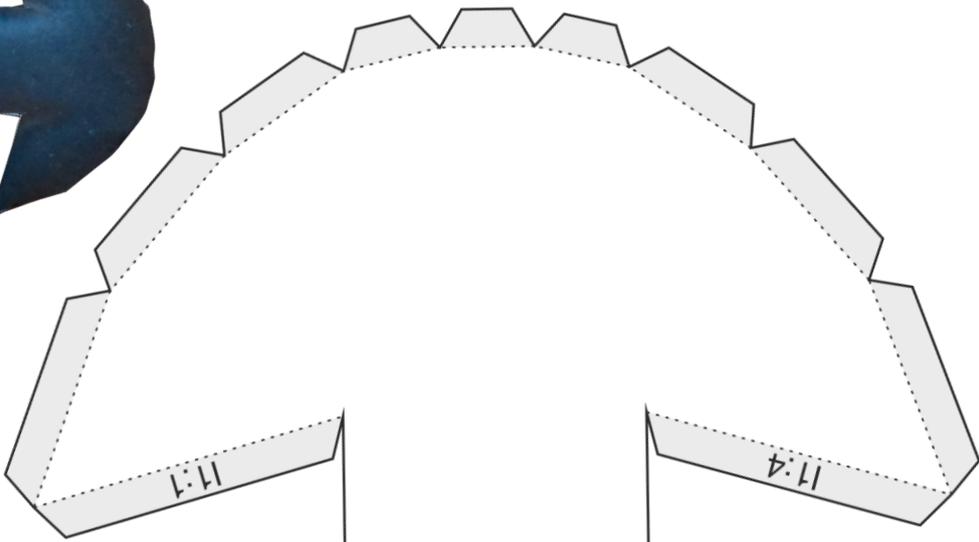
Artefato 1



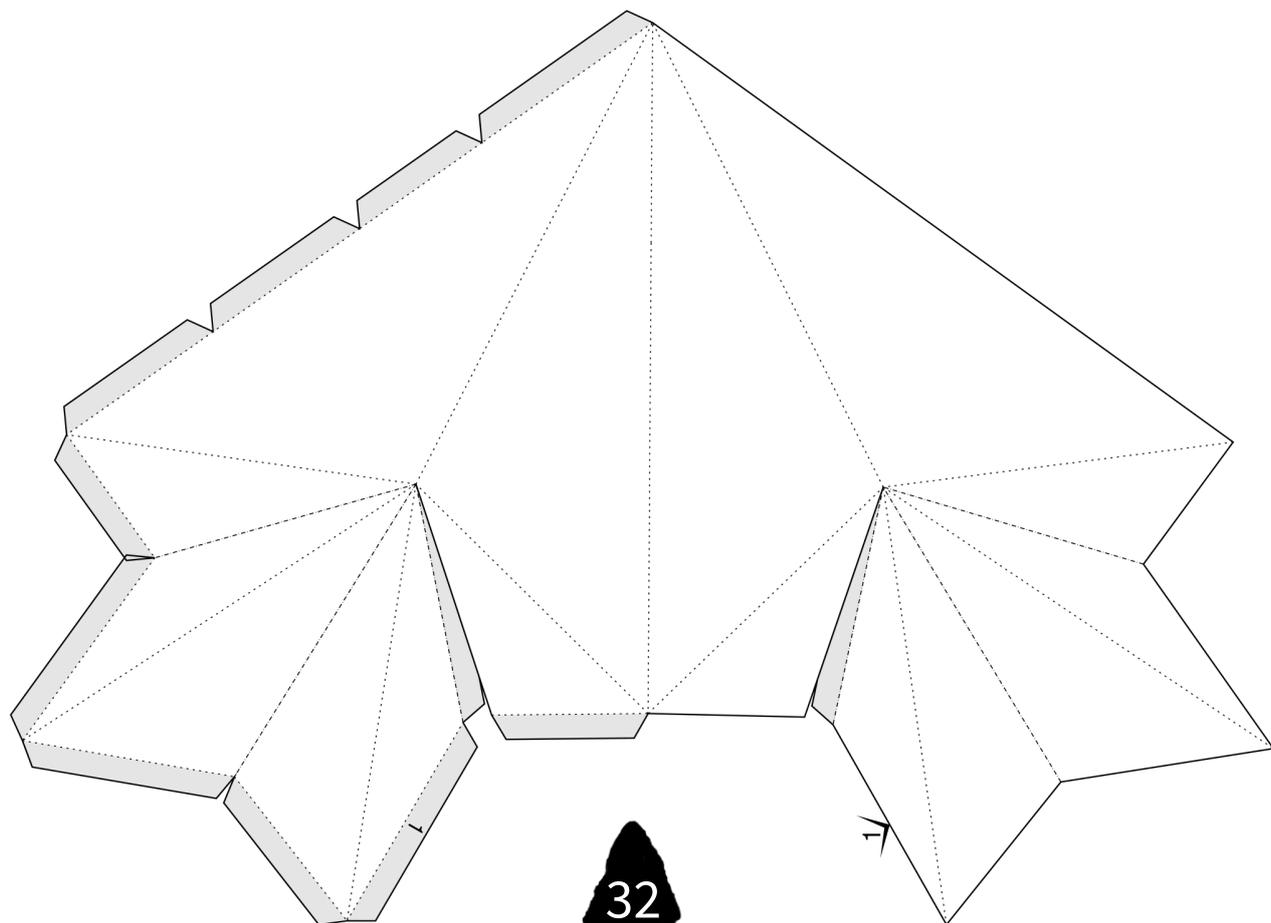
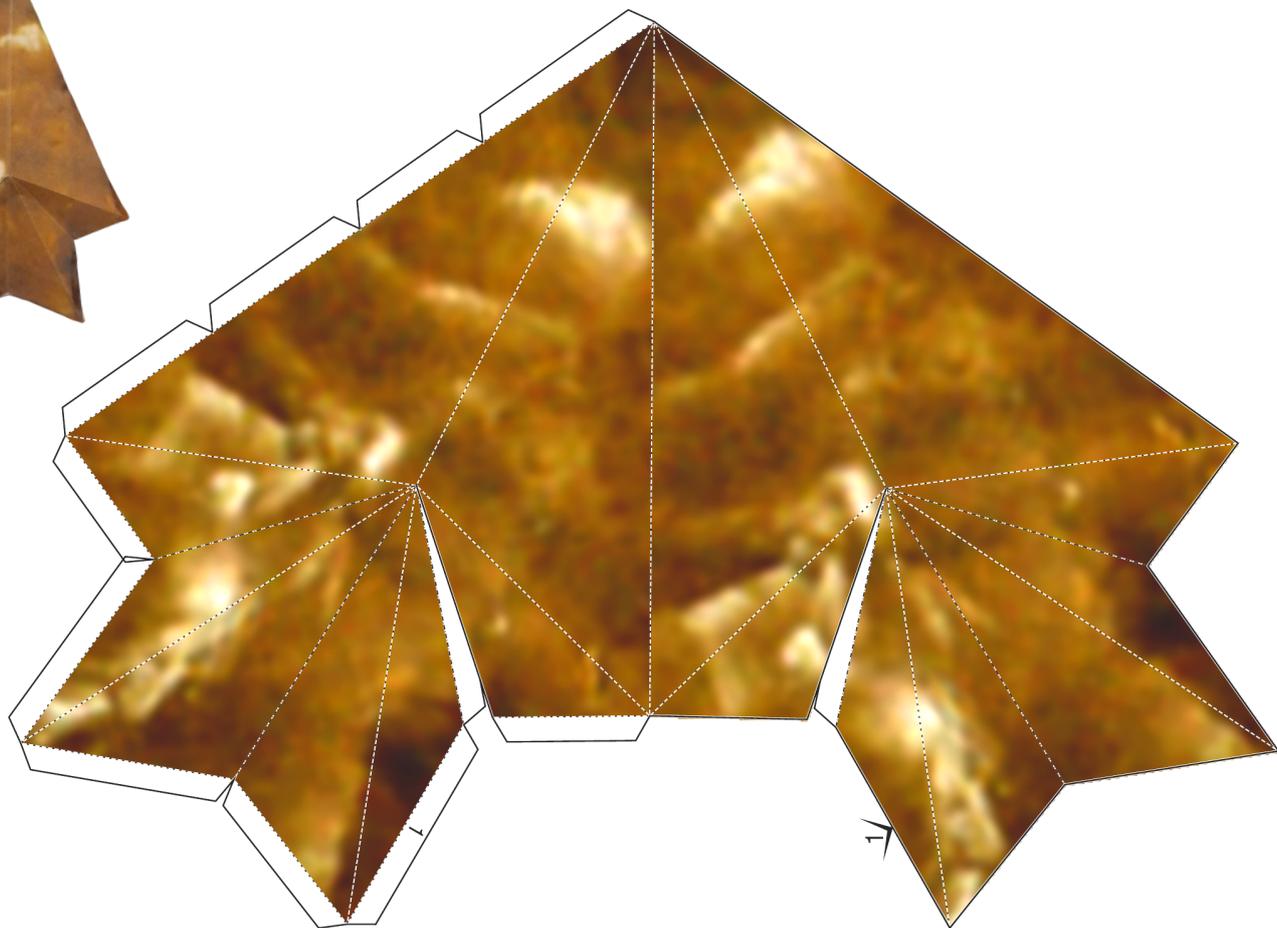


Artefato 2

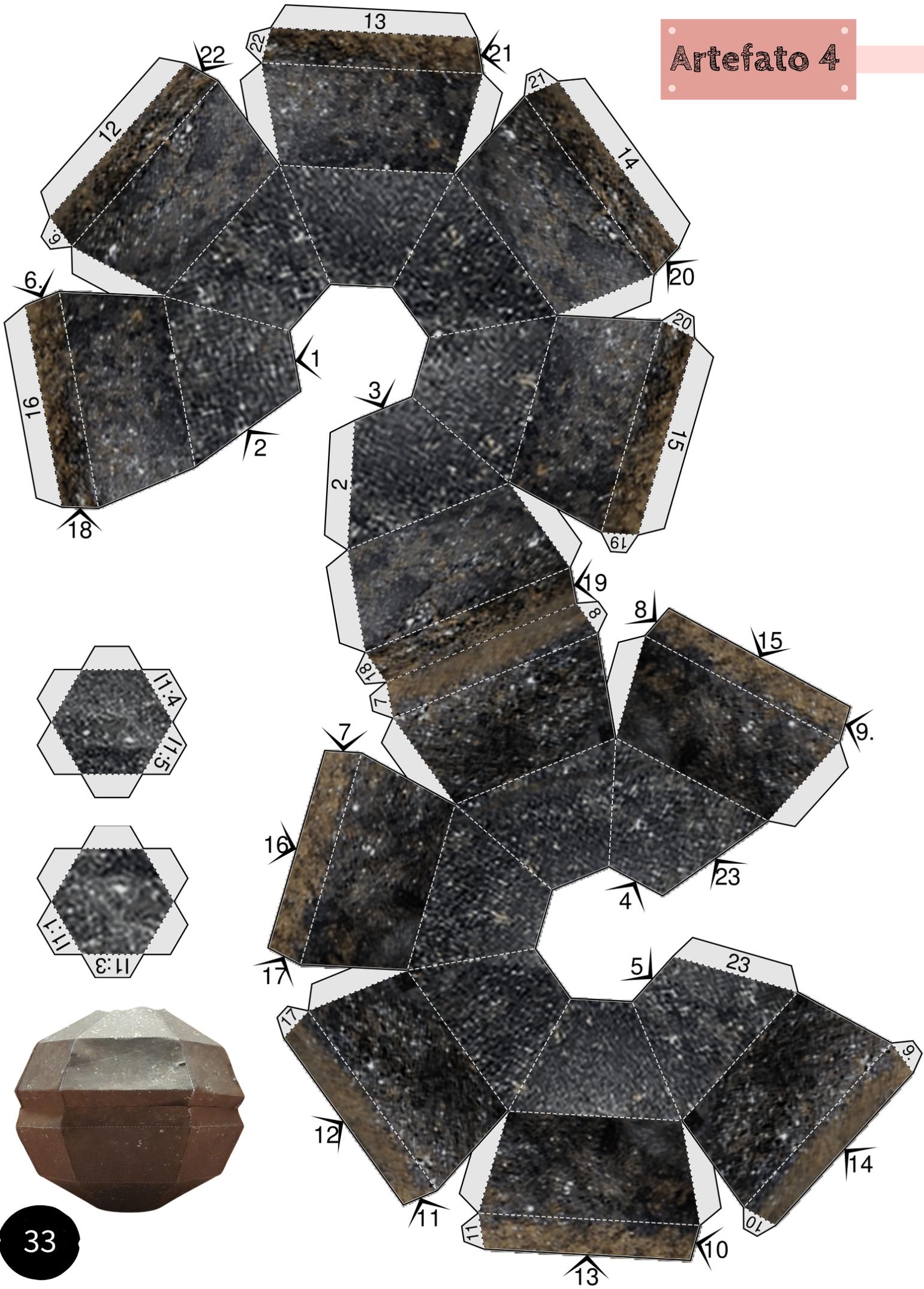


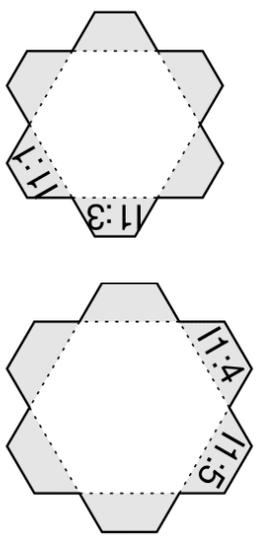
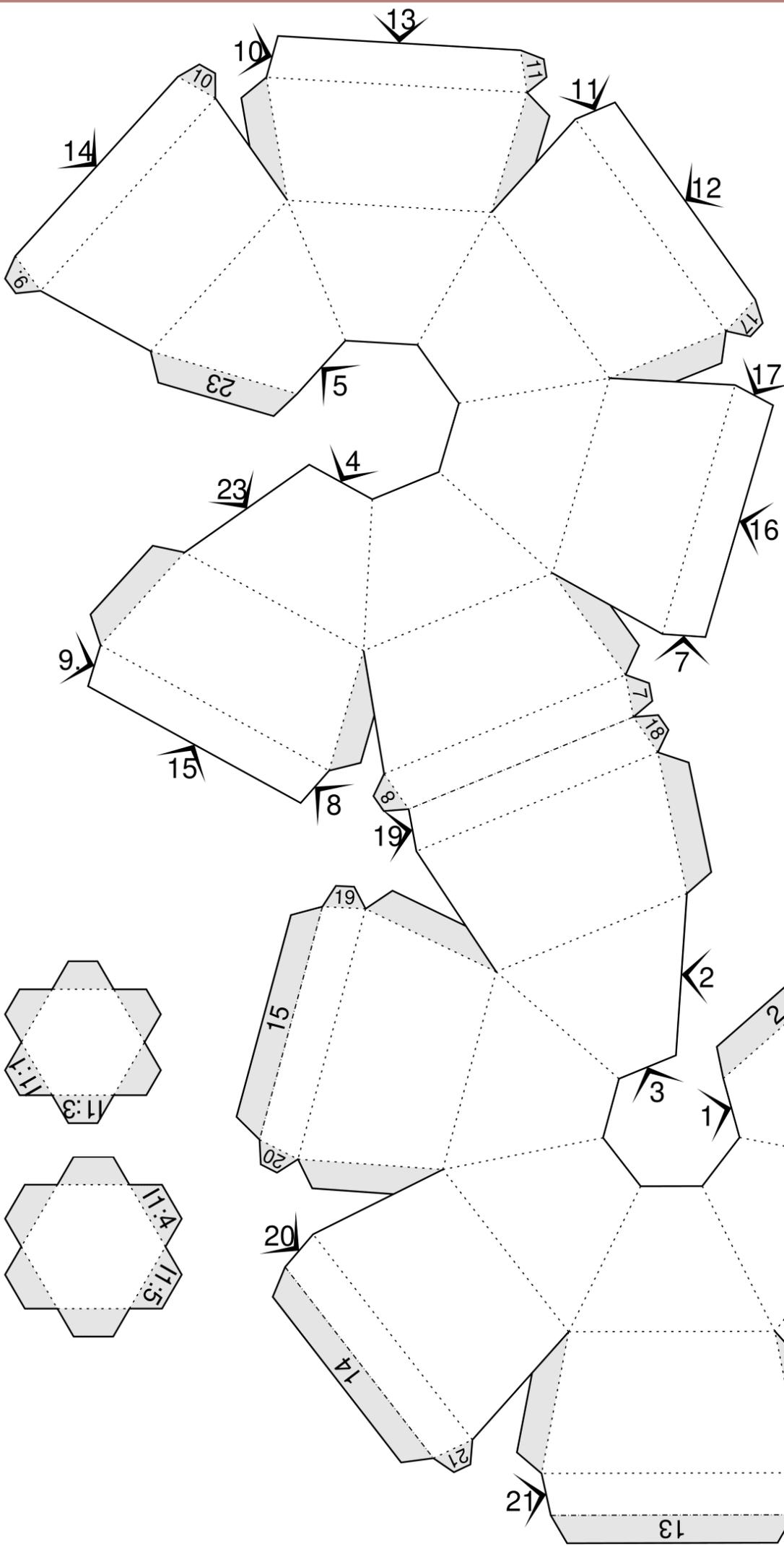


Artefato 3

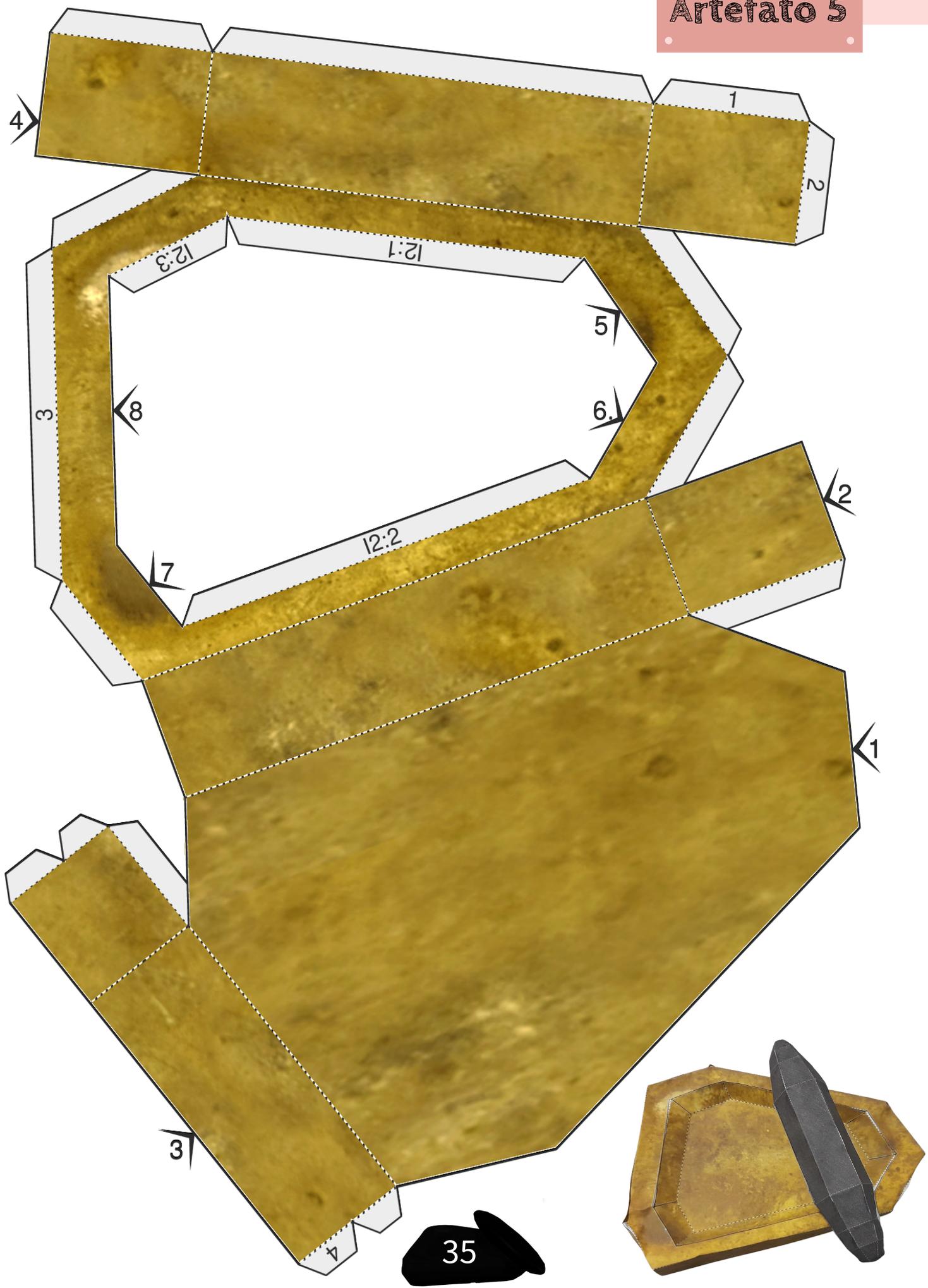


Artefato 4

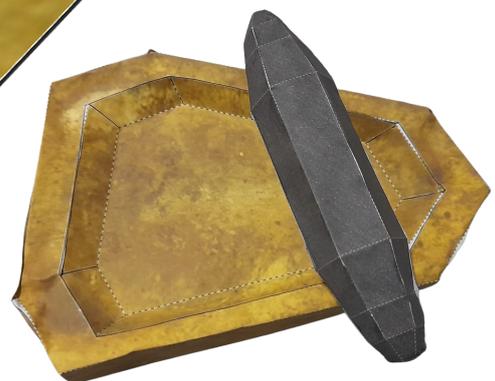


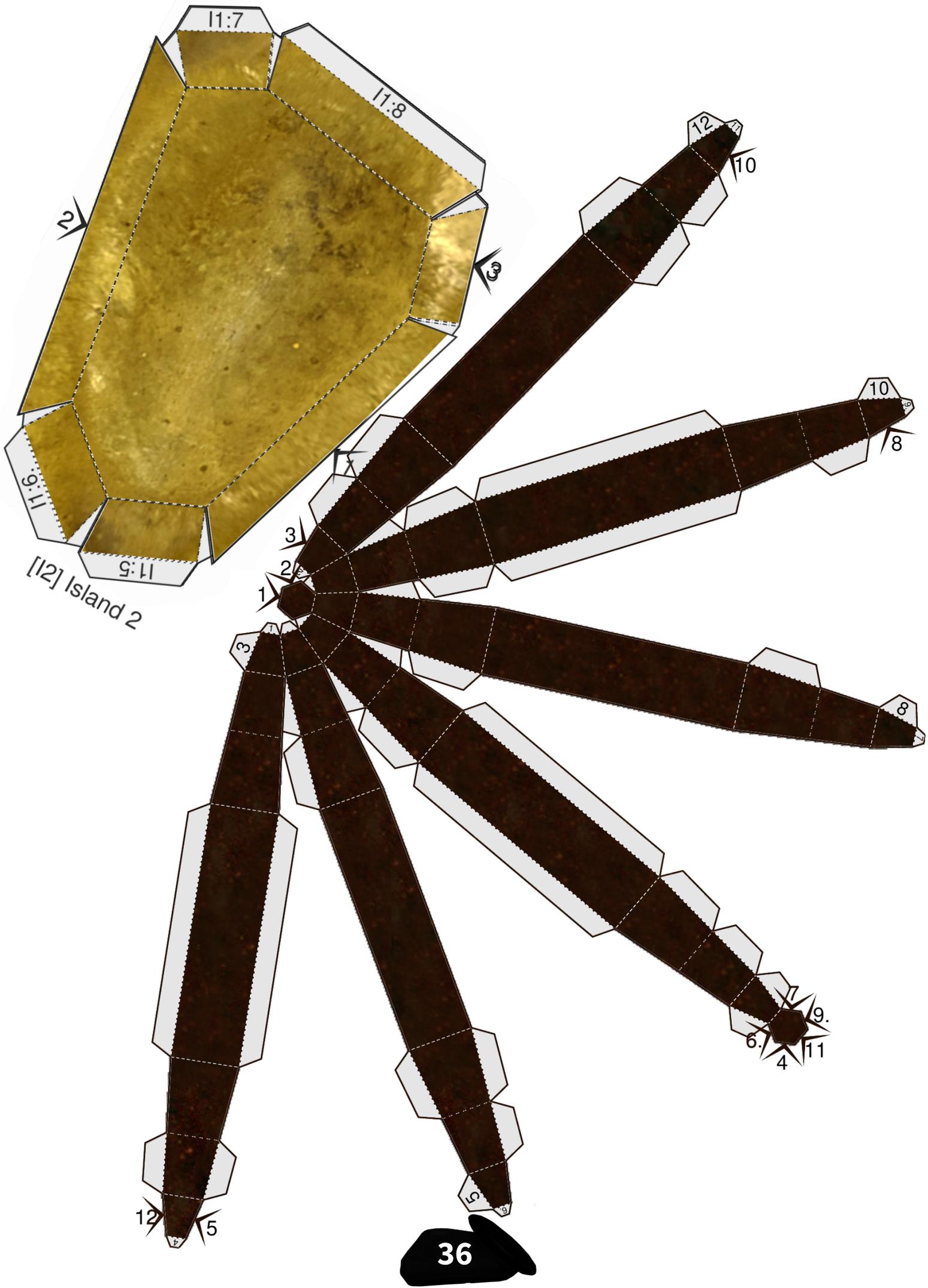


Artefato 5



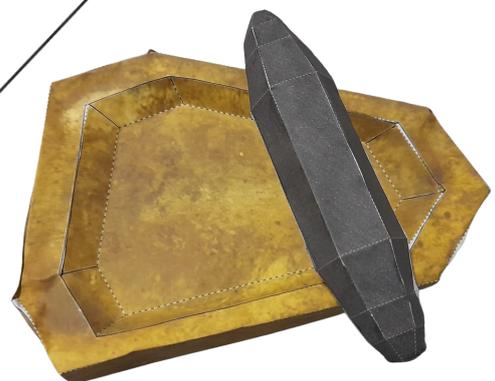
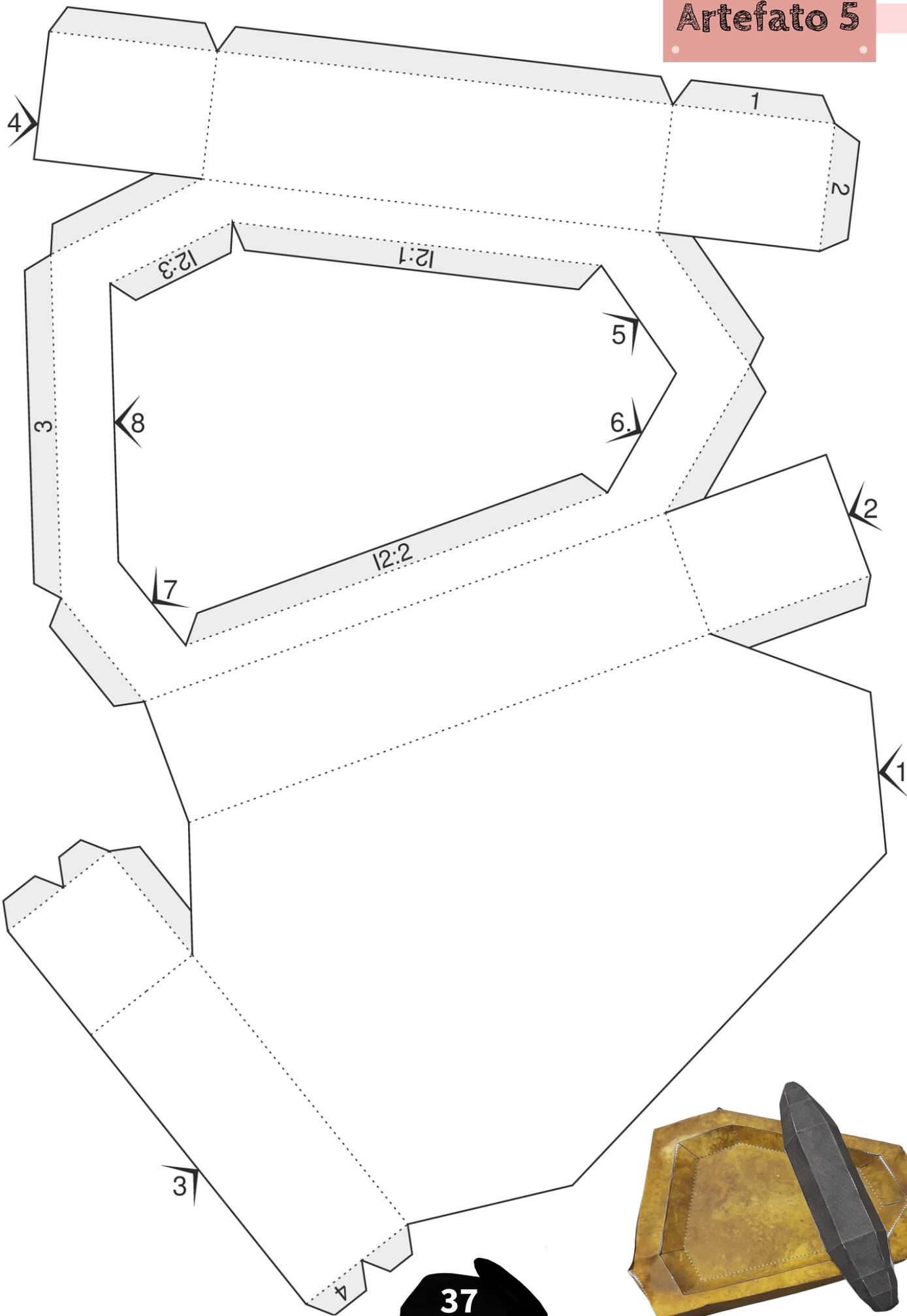
35

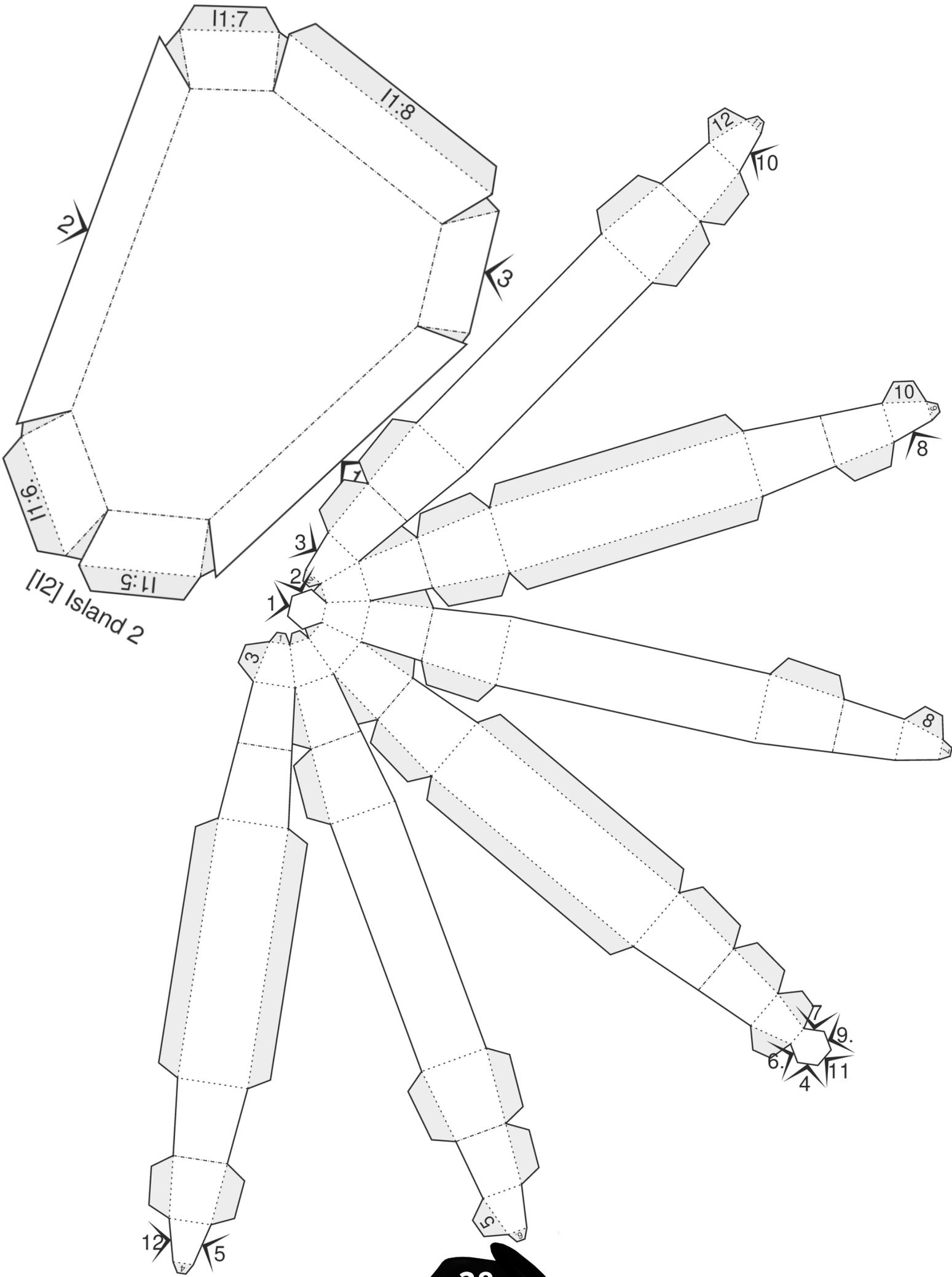




36

Artefato 5







Referências Gerais

- BERTAZONI, Cristiana; SANTOS, Eduardo Natalino dos; FRANÇA, Leila Maria (Orgs.). **História e Arqueologia da América Indígena: tempos pré-colombianos e coloniais**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017. p. 23-45
- BROCHADO, José Proenza et al. **Arqueologia brasileira em 1968: um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**. [s. l.], 1969. Disponível em <<https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/480>> Acessado em 17 out. 2020.
- BRUNO, Maria Cristina. A INDISSOLUBILIDADE DA PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO NOS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS. In: **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 10, n. 10, 1997. Disponível em <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/301>> Acessado em 17 out. 2020.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1995.
- BUENO, Lucas; BUENO, Lucas. **Arqueologia do povoamento inicial da América ou História Antiga da América: quão antigo pode ser um ‘Novo Mundo’?** In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas, v. 14, n. 2, p. 477–496, 2019. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/1981.81222019000200011>> Acessado em 17 out. 2020.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. 1. ed. São Paulo: UBU Editora, 2017.
- COSTA, Carina M. A poesia das coisas no ensino de História: exercícios de sensibilização. In: SIMAN, Lana Mara de Castro; MIRANDA, Sonia Regina (orgs.). **Patrimônio no plural: educação, cidades e mediações**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2017, p. 95-121.
- FUNARI, Pedro Paulo A. Arqueologia no Brasil e no mundo: origens, problemáticas e tendências. In: **Ciência e Cultura**, [s. l.], v. 65, n. 2, p. 23–25, 2013. Disponível em <<https://doi.org/10.21800/S0009-67252013000200010>> Acessado em 17 out. 2020.
- GAMBLE, Clive. The anthropology of deep history. In: **Journal of the Royal Anthropological Institute**, London, v. 21, n. 1, p. 147-164, Mar. 2015. Disponível em <<https://doi.org/10.1111/1467-9655.12140>> Acessado em 17 out. 2020.
- MACGREGOR, Neil. **A história do mundo em 100 objetos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.
- MENESES, Ulpiano T. B. A cultura material o estudo das sociedades antigas. In: **I Simpósio Nacional de História Antiga**, João Pessoa, 1983. João Pessoa: UFPB, 1983.
- PREGNOLATTO, Felipe P. **A Cultura Material na Didática da História**. Dissertação, 2006. (Pós-graduação em História Social) - USP, São Paulo.
- RENFREW, C. & BAHN, P. **Arqueologia: Teorias, Métodos y Prática**. Madrid: Editora Akal. 1993.
- RIBEIRO, Diego Lemos. **A musealização da Arqueologia: um estudo dos Museus de Arqueologia de Xingó e do Sambaqui de Joinville**. 2013. 376f - Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.71.2013.tde-21052013-110733>.

SALADINO, Alejandra. **Museus e Arqueologia**: algumas reflexões. Cadernos de sociomuseologia, v. 54, Nova Serie 10. p. 89-112, 2017.

SCIFONI, Simone. Conhecer para preservar: uma ideia fora do tempo. In: **Revista do CPC**, São Paulo, n. 27, v. Especial, p.14-31, jan./jul. 2019.

SILVA, A. S. N. F. DA. **Musealização da Arqueologia**: Diagnóstico do patrimônio arqueológico em museus potiguares. Revista de Arqueologia, v. 26, n. 2/1, p. 59-76, 4 jul. 2014. Disponível em <<https://revista.sabnet.org/index.php/SAB/article/view/382>> Acessado em 17 out. 2020.

SIMON, Nina. **The participatory museum**. Disponível em <www.participatorymuseum.org/> Acessado em 13 out. 2020.

VELHO, Gilberto. **Patrimônio, negociação e conflito**. In: Maná, v. 12, n. 1, p. 237-248, 2006.



Imagem: Mapa do RS com as regiões onde foram encontrados os artefatos*. Wikimedia Commons, GameIsWikipedian. Remixagem do Original com adição dos objetos, flechas e cores.

*O mapa não representa a ocorrência específica de todos os artefatos classificados como pontas de projétil, cerâmicas (tupiguarani), bolas de boleadeira, machados semilunares (jês), pilões e mãos de pilão no atual território do RS.



UFRGS



PORTAL DO

Bicentenário